

Um falar maranhense: análise da fala de moradores de Viana-MA sob a perspectiva sociointeracionista

*A maranhense talk:
analysis of speech Viana-
MA residents under
the sociointeractionist
perspective*

Ana Claudia Menezes ARAUJO (UEMA)
claudia-ama@hotmail.com

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da COSTA (UFPI)
costacatarina@uol.com.br

ARAUJO, Ana Claudia Menezes;
COSTA, Catarina de Sena Sirqueira
Mendes da. Um falar maranhense:
análise da fala de moradores
de Viana-MA sob a perspectiva
sociointeracionista. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 7, p. 105-122, jan./jun.
2017.

Resumo: Este artigo é recorte de uma pesquisa sociolinguística sobre o falar dos moradores da cidade de Viana, localizada na mesorregião Norte e na microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão. Objetivamos caracterizar o falar da referida comunidade linguística, sob uma abordagem sociointeracionista, destacando as estratégias de comunicação utilizadas por seus falantes durante a interação. E, nessa perspectiva, foram levados em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais que contribuem para a formação de suas especificidades. Servimo-nos da abordagem metodológica da Etnografia da comunicação, proposta por Gumperz e Hymes(1972), a partir da aplicação dos procedimentos de observação, gravação, descrição e análise de eventos de fala, inseridos em diferentes situações cotidianas. Para fundamentar a análise dos eventos, adotamos os pressupostos teóricos de Gumperz (2002), Hymes (1972; 1974), Gumperz e Hymes (1972), Bortoni-Ricardo (2014) e Saville-Troike (1982), entre outros. Ao fim deste estudo, concluímos que a fala da comunidade pesquisada é notoriamente determinada/influenciada pela situação social que a envolve, pois é durante a interação social

que se definem a escolha do repertório linguístico, as atitudes linguísticas e os propósitos comunicativos de cada falante e são ativadas as regras sociais e culturais convencionadas por esses indivíduos dentro de sua comunidade linguística.

Palavras-chave: Fala. Interação. Sociolinguística Interacional.

Abstract: This essay is part of a research in sociolinguistics about the way people speak in the city of Viana, located in the Northern mesoregion and in the microregion of the Baixada in Maranhão, a province in Brazil. The objective of the research is to characterize through a social interactionist approach the way people speak in this linguistic community, emphasizing the strategies of communication used by these speakers during the interaction. In this perspective, the social, historical, and cultural aspects that contribute to the formation of their specificities were considered. We made use of the methodological approach of communication ethnography proposed by Gumperz and Hymes (1972), applying the procedures of observation, recording, description, and analysis of communicative events, from different everyday situations. To support the analysis of the events, we used theoretical assumptions suggested by Gumperz (2002), Hymes (1972; 1974), Gumperz and Hymes (1972), Bortoni-Ricardo (2014), and Saville-Troike (1982), among others. As conclusion, we found out that the way the community researched speak is notoriously determined/influenced by the social situation in which communication happens and we demonstrate that quite clearly it is during the social interaction that it is defined the choice of linguistic repertoire, the linguistic attitudes, and the communicative purposes of each speaker and are activated the social and cultural rules agreed by those individuals within their linguistic community.

Keywords: Speech. Interaction. Interactional Sociolinguistics.

Introdução

As pesquisas no âmbito da Sociolinguística Interacional têm demonstrado a relevância de se estudar a língua e seus aspectos variacionais a partir da observação dos fenômenos linguísticos em situações de uso contextual. Essa perspectiva de estudo considera como fator preponderante para a compreensão desses fenômenos de variação linguística, o conhecimento dos aspectos socioculturais dos falantes.

A noção de “comunidade de fala”, proposta por Hymes (1972), foi o ponto de partida para a observação e subsequente estudo do processo interacional e das variações linguísticas. Todavia, esse estudo não se limitou ao olhar unilateral do fenômeno como algo restrito ao *locus*, mas principalmente, ao conjunto de normas partilhadas pelos falantes para o uso das variedades a partir das cenas interacionais analisadas.

Nesse âmbito, este trabalho resulta de uma pesquisa sociolinguística sobre as características do falar de um grupo de moradores da cidade de Viana-Ma, localizada na mesorregião Norte e na microrregião Baixada Maranhense, Estado do Maranhão, no qual observamos, descrevemos e analisamos os usos de fala dessa

comunidade em situações cotidianas. Vale ressaltar que, proceder à descrição da fala de uma comunidade, como a realizada aqui, significa considerar a fala como uma atividade social, diretamente relacionada com a organização social e é esse fato que nos permite fazer interpretações e conclusões sobre sua estrutura e, principalmente, sua função social (HYMES, 1974).

Objetivamos caracterizar o modo de falar dos vianenses, sob uma perspectiva sociointeracionista, destacando as estratégias de comunicação por eles utilizadas durante os processos de interação. Nessa perspectiva, foram levados em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais que contribuem para a formação das especificidades linguísticas e, conseqüentemente, dos comportamentos sociais da comunidade.

Para a concretização desse estudo, fizemos uso da linha teórica fundamentada na Sociolinguística, seguindo os pressupostos da abordagem sociointeracionista de Gumperz (2002), Gumperz e Hymes (1972), Saville-Troike (1982), Bortoni-Ricardo (2014), entre outros, que se voltam para a análise dos padrões de comportamento comunicativo dos falantes inseridos em uma cultura. E, ainda, da abordagem metodológica da Etnografia da Comunicação, proposta por Gumperz e Hymes (1972), seguindo os procedimentos de observação, descrição e análise dos eventos de fala coletados em Viana-MA.

A Sociolinguística Interacional e a Etnografia da Comunicação: o tratamento da variação linguística

A variação linguística é uma manifestação verbal e cultural das diferentes formas linguísticas possíveis ao uso dos falantes, dentro das respectivas variedades linguísticas que estes adotam em sua comunidade de fala. Nesse sentido, os falantes passam a utilizar duas ou mais variantes linguísticas concorrentes, as quais chamamos “variantes”.

Essas variantes são, segundo Tarallo (2007, p. 08) “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. E a um conjunto de variantes, esse autor dá o nome de “variável”. A escolha de uma ou outra variante será feita em função da variedade linguística falada pelo indivíduo e do contexto de uso.

Contudo, para se avaliar a variação linguística de um grupo, é preciso considerar os aspectos linguísticos e sociais envolvidos, ou seja, “para se entender e se conhecer a variação linguística dos falantes,

sempre se precisa conhecer social e linguisticamente o grupo do qual os falantes fazem parte” (COSTA, 2014, p. 16).

Consideramos, assim, que a variação na língua está diretamente relacionada aos usos convencionalizados por uma determinada comunidade, ou seja, os falantes comungam de regras sociais comuns para usarem a fala. Nesse âmbito, a Sociolinguística de perspectiva sociointeracionista, estuda a fala enquanto fato social, inserida nas relações interacionais em contextos sociais.

A Sociolinguística Interacional se reporta, então, à organização do processo de interação a partir da comunicação entre os falantes de uma língua. Direcionando-se ao estudo da variação linguística, parte da noção de língua como comportamento social e procede à observação, descrição e análise de comportamentos linguísticos realizados em contextos sociais.

Essa corrente tem seus primeiros passos ligados aos estudos de Gumperz e Goffman, que vislumbraram os comportamentos provenientes das interações em língua falada, tendo em vista que a fala constitui, para estes autores, um sistema organizado. Conforme Goffman (2002, p. 19),

a fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem fala em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.

Dessa forma, um estudo que considere a fala de indivíduos que convivem em sociedades como objeto de análise deve levar em conta o ambiente em que ela ocorre, ou seja, a situação social que envolve os falantes. Goffman (2002, p. 17), denomina situação social como:

Um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante.

Cada situação apresenta-se como um correlato social da fala, à medida que influencia na escolha do repertório linguístico, nas atitudes linguísticas e ativam regras sociais e culturais convencionalizadas por esses indivíduos dentro de sua comunidade, de acordo com os contextos.

Cada contexto vai, assim, se construindo à medida que os participantes da interação vão se comunicando, pois vão adequando seus comportamentos linguísticos a cada situação social. Dessa

maneira, nas diferentes situações em que estiverem inseridos, seja mais ou menos formal, os falantes identificarão quando um novo contexto acontece, para que possam monitorar suas atitudes linguísticas durante as trocas de turno de fala¹ e os papéis sociais dos participantes sejam determinados ao longo de cada contexto. Assim, “são os papéis sociais de que os participantes estão investidos que determinam a extensão da formalidade conferida à interação” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 91).

No estudo da língua dentro do processo interativo, Gumperz (2002) destacou dois elementos fundamentais para a compreensão da comunicação entre falantes. O primeiro diz respeito à atividade linguística, que ele considerou como a unidade básica da comunicação e, consoante rezam suas palavras, “o termo atividade não é usado para representar uma estrutura estática, mas para refletir um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações à medida que os participantes interagem” (GUMPERZ, 2002, p. 151).

O outro termo impresso por Gumperz (2002) é “pistas de contextualização”, usado para representar as convenções ou traços que guiam os participantes em suas escolhas linguísticas e/ou qualquer comportamento verbal dentro da interação comunicativa. Este estudioso conceitua “pistas de contextualização” como sendo:

Todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais. Tais pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório linguístico, historicamente determinado, de cada participante. Os processos relacionados às mudanças de código, dialeto e estilo, alguns dos fenômenos prosódicos [...] (GUMPERZ, 2002, p. 152).

Através da análise da interação e, particularmente, dessas pistas de contextualização, o pesquisador poderá compreender o desenvolvimento da comunicação, interpretar se as relações mútuas entre locutores e interlocutores ocorrem de forma satisfatória, no que diz respeito à compreensão das intenções e às interpretações de cada um dentro dos discursos.

Fazendo uso da abordagem teórico-metodológica da Etnografia da comunicação, a Sociolinguística Interacional direciona-se ao estudo da variação linguística observada nos comportamentos comunicativos

¹ Estruturalmente, o turno de fala define-se como a produção de um falante enquanto ele está com a palavra durante a interação, incluindo a possibilidade de silêncio e, nessa perspectiva, pode-se considerar a conversação como uma sucessão de turnos (FÁVERO; ANDRADÊ; AQUINO, 2003).

dos sujeitos. Dois dos principais conceitos cunhados pela Etnografia da Comunicação são de fundamental importância para a Sociolinguística, a saber, “evento de fala” e “comunidade de fala”.

Os estudos da Etnografia da Comunicação direcionam-se para pesquisas sociolinguísticas em comunidades de fala e, de acordo com essa vertente, todo comportamento comunicativo do indivíduo é permeado por características adquiridas por meio de suas relações sociais e sua construção histórica e cultural.

Hymes (1972, p. 54) conceitua comunidade de fala como “uma comunidade que partilha conhecimento das regras para a conduta e a interpretação da fala. Tal compartilhamento compreende o conhecimento de pelo menos uma variedade linguística e também de seus padrões de uso”. Para esse autor, a comunidade de fala é, pois, a organização social que padroniza as formas de uso da língua, ou seja, os falantes fazem uso desse sistema de acordo com o regimento de sua cultura e de suas relações com outrem. A Sociolinguística manifesta seu olhar para essas relações e por isso Hymes (1972) defende que a comunidade de fala é a unidade natural da pesquisa sociolinguística. Consoante suas palavras, “[...] deve-se primeiro considerar a unidade social de análise. Para isto eu adoto a expressão comum *comunidade de fala*²” (HYMES, 1972, p. 53).

O conceito de evento de fala, postulado por Hymes (1972, p. 56), “se restringe às atividades ou aspectos da atividade que estão diretamente governados por regras ou normas para o uso da fala”. Nesse sentido, compreende-se que os eventos de fala estão voltados às relações sociais entre os falantes.

Esses eventos podem ser constituídos por atos de fala, ou seja, qualquer realização de fala que exerce uma ação. De acordo com Hymes (1972), os atos de fala são as menores unidades de análise dos eventos comunicativos. E a realização de tais atos está diretamente ligada à competência que tem o falante de produzir ações ao falar, bem como de interpretar ações impostas a si, ou seja, sua competência comunicativa.

O conceito de competência comunicativa revelou-se também como um tema central na sociolinguística hymesiana, pois, para ele, trata-se de uma capacidade individual, que reúne o conhecimento da língua e a habilidade de utilizá-la nos diferentes contextos de uso (HYMES, 1972a). Sendo assim, é a competência comunicativa que possibilita ao falante produzir e compreender os atos de fala emitidos numa interação.

² “[...] one must first consider the social unit of analysis. For this I adopt the common expression. Speech community”.

Ao organizar os métodos da pesquisa etnográfica, Hymes (1972), criou a expressão *SPEAKING*, como uma representação mnemônica dos elementos que compõem a interação. Cada uma das letras da palavra *SPEAKING* diz respeito a um elemento da pesquisa na Etnografia da Comunicação, quais sejam: S – *Setting or scene* (ambiente ou cena); P – *Participants* (participantes); E – *Ends* (fins ou propósitos); A – *Act sequence* (forma e conteúdo da mensagem); K – *Key* (tom ou modo de pronunciar); I – *Instrumentalities* (instrumentos de transmissão); N – *Norms* (normas de interação e interpretação); G – *Genres* (gêneros textuais, orais ou escritos).

Os elementos do *SPEAKING* constituem, em Sociolinguística Interacional, importantes categorias de análise no estudo da fala de determinada comunidade linguística. Esses elementos que são fundamentais para o método da pesquisa etnográfica, compõem o processo interacional, pois fazem parte do evento comunicativo e, a partir da análise desses elementos, o pesquisador poderá caracterizar com detalhes a fala-objeto de estudo.

Metodologia

Neste estudo, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa, interpretativista, pautada no uso do método da Etnografia, visando à observação, descrição e análise de eventos de fala coletados em Viana-MA, a fim de demonstrar as principais estratégias comunicativas utilizadas pelos falantes durante o ato interacional.

Os sujeitos da pesquisa constituíram-se, pois, de um grupo de moradores da cidade e predefinimos alguns critérios para compor o perfil dos informantes, conforme a metodologia dos estudos sociolinguísticos. Assim, selecionamos uma amostra de 20 informantes (dos quais destacamos quatro), sendo estes dos sexos masculino e feminino e pertencentes a classes socioeconômicas distintas, todos nascidos na comunidade, com idade superior a 18 anos e graus de escolaridade variável entre Ensino Fundamental e formação superior.

É importante esclarecer que a comunidade não era totalmente desconhecida para a pesquisadora, que em momento anterior, já havia desenvolvido atividades de ensino na referida localidade. Para a construção da pesquisa, a comunidade foi visitada por um período de seis meses, período necessário à coleta de dados que se mostrassem suficientes para a caracterização do falar do grupo selecionado.

Dessa forma, o *corpus* da pesquisa consistiu em dois eventos de fala nas situações diversas do cotidiano e, para viabilizar a coleta dos dados, utilizamos algumas técnicas que garantiram o caráter científico da pesquisa: observação simples e participante, questionários semiestruturados, fichas de anotação de campo e gravações em áudio.

Concluimos com a observação sistemática, descrição e análise das práticas interacionais dos eventos de fala. Para a execução da transcrição grafemática dos eventos, utilizamos as normas de transcrição constadas no projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Descrição e análise dos eventos de fala

Na análise dos eventos que compõem o *corpus* da pesquisa, destacamos os elementos componentes da interação elencados por Hymes (1972), comportados no *SPEAKING* e o conceito de pistas de contextualização, proveniente da Sociolinguística Interacional, e tomamos como base o modelo organizacional proposto por Saviile-Troike (1982).

A priori, descrevemos a situação social e em seguida, analisamos as categorias que adotamos: a) ambientes; b) participantes; c) propósitos; d) formas das mensagens; e) normas de interação; f) gêneros textuais; g) pistas de contextualização.

Situação Social 01: Conversa na papelaria

No centro da cidade há uma pequena papelaria que faz serviços de xerox, onde um casal faz o atendimento. Cotidianamente pessoas procuram esses serviços, assim como a pesquisadora o fez algumas vezes durante o período em que esteve na cidade. Esse ambiente mostrou-se bastante propício para observarmos a fala dos moradores, tendo em vista a movimentação de pessoas que passam por lá o tempo todo, inclusive pessoas de fora da cidade. Foram feitas várias visitas a esse local e destacamos um evento em que uma jovem pede informação sobre a localização da Associação Comercial.

EVENTO 01: Conversa na papelaria

Ambiente: Papelaria localizada no centro da cidade

Participantes: C.L.S. (41 anos), R.S. (45 anos) e T.S.R. (23

anos)

Propósitos: Saber se o estabelecimento fazia serviços de impressão e identificar a localização da Associação Comercial e Industrial de Viana

Forma da mensagem: Verbal e não verbal (gestos)

Normas de interação: Uma participante faz perguntas à dona do estabelecimento e a mesma responde. Num segundo momento, a mesma participante refaz uma das perguntas referente à localização de uma instituição e o dono do estabelecimento interfere na conversa e direciona-se até a calçada para explicar e, assim, os turnos de fala vão alternando.

Gênero textual: Conversa casual

T.S.R: Bom di::a... ((dirigindo-se à mulher que atendia na copiadora))

((C.L.S. apenas balançou a cabeça positivamente))

T.S.R.: A senhora faz impressão aqui?

C.L.S.: *Hum...* não... na associação comercial...

T.S.R.: Na associação com/... ((a fala é interrompida))

C.L.S.: Aqui direto... depois do *canto*... tu continua na mesma rua aqui... é um prédio azul antes de chegar no *canto* da padaria.

T.S.R.: Quanto é que tá a xerox aqui?

C.L.S.: Quinze centavo... dez centavo pra quantidade...

T.S.R.: Brigado... associação comercial... né? ((franzindo a testa))...

((R.S. interfere e sai até fora da loja, guiando a interlocutora, e coloca-se na calçada a explicar melhor a localização da Associação))

R.S.: Tu desce direto aqui nessa rua aí...

T.S.R.: Nessa primeira rua?...

R.S.: Certinho... nesse *canto* ali... ((apontando para o local))

T.S.R.: *Hum...* tá bem então... logo na primeira esquina...

C.L.R.: Tu não é da Baixada? ((saindo de detrás do balcão))

T.S.R.: Sou não...

C.L.R.: Tu toma cuidado então de ficar *transando* por essas banda... porque hoje mesmo teve uma confusão por causa de uns *pequeno* roubando ali perto da associação...

T.S.R.: Ficar o quê?

C.L.R.: Andando por aí... porque eles conhece logo que é de fora...

T.S.R.: Ah tá... Brigada... Tchau.

Logo no início da conversa temos uma saudação de “Bom dia!”, proferida pela participante T.S.R. e usada como regra de polidez, para dar início a uma interação. Como resposta, teve um aceno positivo de cabeça de C.L.S. e esse ato de balançar a cabeça foi feito em sinal de concordância à saudação da interlocutora, ao mesmo tempo que sinalizou que a mesma poderia prosseguir a falar qualquer outra coisa que quisesse, e esta assim o fez.

Primeiramente, a conversa deu-se a partir da pergunta de T.S.R. sobre a papelaria fazer a impressão de documentos. A interjeição “Hum”, que também se mostra como uma marca de fala regularmente usada pelo grupo de vianenses pesquisados foi exprimida pela interlocutora. Essa ocorrência representou um pensamento, e foi interpretado de tal forma pelos interlocutores que comungam da mesma variedade linguística, como pudemos inferir. Em seguida, solicitamente, C.L.S. indicou um local que fazia impressão, mesmo que sua interlocutora não tivesse perguntado e explicou a direção.

Esse evento de fala apresentou a palavra “canto”, cujo significado dicionarizado é, de acordo com o Holanda (2001), entre outros significados listados – sm. 1. V. *esquina* – como é chamado em outros lugares. Ao dar a primeira explicação, C.L.S. mencionou esse termo “canto” e foi possível interpretar, com base no contexto, do que se tratava. Neste momento, T.S.R. fez uma interferência vocal e tomou o turno de fala, mudando o tópico da conversa e passando a outro.

Surgiu, então, um novo tópico discursivo, isto é, o questionamento sobre o preço da xérox, já que se tratava de uma papelaria e que as máquinas de xérox estavam visíveis. À medida que ambas mantinham o envolvimento na conversa, R.S., observava a interação das duas, calado. Sanada sua dúvida sobre a nova pergunta, T.S.R. agradeceu e voltou ao tópico da localização da Associação Comercial, pedindo nova explicação através do ato de fala “Associação Comercial, né?”. Houve, assim, um redirecionamento do tópico, tendo em vista que, quando há o desvio de um tópico, o interlocutor pode redirecioná-lo por meio de uma pergunta, reintroduzindo o tópico original, como fizera a interlocutora T.S.R. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003).

Quando T.S.R. fez a pergunta sobre o nome da instituição onde poderia imprimir o que desejava, sinalizou que ainda não entendera onde encontrar tal local e isso levou R.S. a se envolver também na interação e dar nova explicação sobre a localização da Associação Comercial. Nesta ocasião, outra vez o termo “canto” aparece no texto. Com base nessas ocorrências, reafirmamos que o contexto, de acordo com Hymes (1972) pode determinar o sentido das palavras, pois, ao esperar as realizações, foi possível à interlocutora interpretar, de maneira adequada, mesmo a variante lexical não sendo utilizada em sua variedade linguística com essa significação, e isso fica expresso quando ela repete a ideia frisando a palavra “esquina”.

E quanto à interação entre os participantes, as pistas contextuais deram conta de sinalizar aquilo que os falantes deveriam interpretar, ao passo que estes compreenderam sem necessidade de explicação sobre o termo supracitado, tendo em vista que o mesmo faz parte de seu repertório linguístico, refletindo seus costumes e sua história de vida, bem como da cidade onde vivem.

A preferência por “tu” em detrimento de “você” foi bastante observada no falar vianense e nesse evento temos tal registro. Na interação entre T.R.S. e C.L.S. ocorreu a alternância entre “tu” e “senhora”, quando T.R.S., com idade de 23 anos, fez a abordagem sobre a localização da Associação, tratando C.L.S. como “senhora” e foi tratada como “tu” por C.L.S., que tem idade de 41 anos. Esse tratamento está diretamente ligado às regras de polidez e está internalizado na cultura dos falantes da cidade, assim como de outras comunidades brasileiras, refletindo seus comportamentos sociais. Sobre isso, Macedo (2008) afere que o sistema de uso dos pronomes de tratamento “você” e “senhor/senhora”, assim como “tu”, é regido, por um lado, pela diferença de idade entre falante e ouvinte, e de outro, pelo grau de intimidade das pessoas envolvidas na interação. Assim, nessa ocorrência do par que destacamos, a variação de tratamento entre “tu” e “senhora” está ligada à diferença de idade das interlocutoras.

Verificamos, ainda, que a utilização dos dêiticos, como “aqui”, “aí”, “ali”, indicadores de lugar, assim como os gestos de apontar com a mão e com a cabeça, que também desempenham função dêitica, auxilia na interação e ajuda os falantes, quando estes estão dando explicação de localidade ou quaisquer outras que suscite a situação interativa. Dentro da interação analisada, os dêiticos auxiliaram bastante na fala dos interactantes, por funcionarem também como pistas de contextualização.

Nesse evento, a interação deu-se de forma dinâmica, salvo uma interrupção na conversa devido ao estranhamento de uma palavra por parte de T.S.R., mas logo sanado. A expressão “transando” foi apresentada por C.L.R. como uma abreviação de “transitando” e, no momento da interação, T.S.R. não conseguiu interpretar a palavra, nova ao seu conhecimento com aquela significação. Mas logo C.L.R., explicou dizendo ser o mesmo que “andar despreocupada” e, assim, a interlocutora compreendeu. Segundo Gumperz (2002, p. 153), “ao sinalizar uma atividade de fala, o falante também sinaliza as pressuposições sociais em termos das quais uma mensagem deve ser interpretada” e, a atitude da falante C.L.R. demonstrou que, ao falar a variante em questão, estaria inferindo que sua interlocutora interpretaria da maneira desejada.

Outra lexia que podemos destacar no evento é “pequeno”, bastante utilizada pelos falantes da cidade. C.L.R. usou “pequeno” (na forma singular) para designar os supostos infratores que tentaram assaltar próximo à associação, mas não se pode afirmar, porém, que fora atribuído a adolescente, jovem ou adulto, pois, como visto durante a pesquisa, é uma forma usada para todas as idades.

É importante ressaltar que a comunicação durante o processo interacional analisado foi satisfatória entre as interactantes, tanto por parte dos falantes vianenses, como da falante visitante da comunidade.

Situação Social 02: Visita à feira de ciências

Aconteceu em Viana uma feira de ciências na praça Dilú Melo, reunindo as escolas públicas municipais. Cada escola se responsabilizou por apresentar uma temática e expor os trabalhos dos alunos em estandes, com a participação desses alunos e dos professores. Todos os estandes estavam decorados conforme os temas abordados e os alunos a postos para explicar sobre os trabalhos acadêmicos desenvolvidos ao longo do semestre àqueles visitantes que se dirigiam até eles, mediante a presença e o acompanhamento dos seus professores. Nessa feira de ciências, houve o encontro da pesquisadora com alguns de seus ex-alunos, então professores de escolas do município vianense.

EVENTO 02: Visita à feira de ciências

Ambiente: Praça da cidade

Participantes: D. R. (27 anos) e a pesquisadora

Propósito: Conversar sobre a visita da ex-professora à cidade

Forma da mensagem: Verbal e não verbal (gestos)

Normas de interação: Durante a interação houve a troca do turno de fala entre os participantes, mediante perguntas e respostas surgiam.

Gênero textual: Conversa formal

PESQUISADORA: Como va::i?

D.R.: Olá:: ((sorriso))...a senhorita por aqui? ((abraço))... tá passeando?

PESQUISADORA: Tou passando uns dias aqui em Viana... mas já vou embora hoje...

D.R.: Mas já?...porque não fica mais hoje aí e aproveita a noite também?... aqui é *aziado* demais né? ((risos))

PESQUISADORA: ((risos)) Tenho que ir mesmo...

D.R.: Óh professora... esses aqui são meus aluno...((apontando para algumas crianças))... eles tão montando uma usina eólica...

PESQUISADORA: Ah que legal... Está muito organizado...

D.R.: Mas também eu deixei esses *pequeno doidinho*... ((risos de ambos))... mas quando é que a senhorita vem de novo por aqui?

PESQUISADORA: Ainda não sei... mas quero te dar parabéns pelo teu trabalho... fico feliz em te ver exercendo a química com essas crianças...

D.R.: É bom demais... os *pequeno* tudinho com a cabeça *cuza* de tanto pensar... que nem a gente na faculdade ((risos))...

PESQUISADORA: Cabeça *cuza*? ((risos))

D.R.: A:h...cozida professora... ((risos))

PESQUISADORA: Ah...((risos))... entendi...

A feira de ciências que ocorreu em dezembro, não é uma situação cotidiana como a do evento anterior, mas consideramos relevante registrar o encontro da pesquisadora com um de seus ex-alunos, então professor de uma escola do município, que participava do evento cultural.

Esse evento é marcado por um caráter de maior formalidade que o anterior, dada a circunstância em que se encontravam os interlocutores, todavia com algumas características da espontaneidade na fala. Labov

(2008) expõe que, normalmente não pensamos numa fala “espontânea” ocorrendo em contextos formais, mas é possível de acontecer quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados pelo falante. Nesse ambiente, foi identificado o uso de uma “fala espontânea”, por parte dos dois interlocutores, D.R. e a pesquisadora, como podemos ver nos traços linguísticos e comportamentais, haja vista que “a fala espontânea é definida aqui como correlata da fala casual que ocorre em contextos formais, não em resposta à situação, mas apesar dela” (LABOV, 2008, p. 111).

Iniciou-se o evento com a saudação da pesquisadora ao seu ex-aluno que, naquela situação, assumia a função de professor do Ensino Fundamental. Entretanto, o diálogo mantido entre ambos demarcou uma relação professora – aluno, como a que mantiveram outrora. D.R. respondeu ao cumprimento da pesquisadora e logo no início da conversa destacamos um termo de tratamento respeitoso, cujo uso fora observado na fala vianense de maneira geral, “senhorita”.

Como exposto, a interação apresentou a “fala espontânea”, todavia, em alguns momentos, observamos a marcação de elementos próprios da fala monitorada, como “senhorita”, por exemplo. Assim, os comportamentos linguísticos e sociais de ambos revelaram uma intimidade mediana entre professora e aluno, fora de sala de aula e de acordo com o exigido pela situação da feira de ciências.

O tratamento polido foi percebido na forma como o ex-aluno se dirigiu à pesquisadora que, por ser jovem, recebeu o tratamento de “senhorita”. Esse comportamento linguístico e social reflete a relação de assimetria na interação, devido às funções exercidas outrora pelos participantes, como vemos também quando D.R. refere-se à pesquisadora como “professora”. Inferimos que, mesmo fora da situação de aula, os papéis sociais de ambos são demarcados na interação. A forma de comportar-se linguística e socialmente é guiada por regras que fazem parte da competência comunicativa do falante, a qual vai sendo adequada durante a interação (HYMES, 1972).

Da mesma forma, a pesquisadora tratou D.R. como ex-aluno, embora sabendo que o mesmo já concluía o curso, no qual, em outro tempo, mantiveram contato em sala de aula, e já estivesse atuando como profissional da educação, conforme função desempenhada na situação.

Identificamos no evento, a expressão “aziado”, um adjetivo bastante usado nesta localidade para designar algo desinteressante, sem atrativos. A referida expressão pode ser analisada com base no contexto

situacional, que deu sustentabilidade para que pudéssemos inferir que “aziado” era uma característica negativa do local. Recorremos mais uma vez às pistas de contextualização que, sendo dependentes do contexto, serviram para auxiliar na interpretação dos significados e a comunicação resultasse perfeita, pois, conforme Gumperz (2002, p. 152), “embora tais pistas sejam portadoras de informação, os significados são expressos como parte do processo interativo”.

Em seguida, D.R. utilizou o marcador conversacional “né?”, com intuito de obter aquiescência de sua interlocutora e manter o tópico da conversa, enquanto que a pesquisadora não confirmou com palavras, que sim e nem que não, apenas sorriu e disse que precisava ir, inferindo que o motivo da partida era algum compromisso.

Retomando o turno de fala, para manter o envolvimento na conversação, D.R. mudou o tópico da conversa e apontou para seus alunos, dando destaque para o que estes estavam apresentando na feira, à medida que a interlocutora interagiu e retomou o turno de fala.

Destacamos também, mais uma ocorrência da gíria “pequeno”, na sua forma singular, mesmo referindo-se a mais de um aluno, o que fica evidenciado quando D.R. usa o determinante “esses”. Tal uso confirma que é uma expressão usada para se referir a pessoas de diferentes idades e, na ocasião, referiu-se às crianças do Ensino Fundamental, alunos de D.R., para os quais direcionou o olhar da pesquisadora com um movimento corporal. Outra expressão usada em Viana com bastante regularidade é “doidinho” e, nessa situação, interpretamos como “preocupados e/ou agoniados”, de acordo com o contexto da interação, pois os alunos tiveram que fazer o trabalho sob a pressão do professor e isso os deixou preocupados e/ou agoniados.

D.R. assumiu o turno de fala e mudou novamente o tópico da conversa, conseguindo manter a interação harmoniosa, e instigou sobre quando a pesquisadora apareceria outra vez na cidade. Embora possua caráter formal, o ambiente da feira de ciências apresentava-se descontraído e em virtude disso, D.R., assim como a pesquisadora, não se preocuparam em monitorar a fala durante a interação.

No final do evento identificamos a expressão “cuza”, abreviação de “cozida”, proferida por D.R. A pesquisadora repetiu a palavra em forma de pergunta, demonstrando não reconhecer o termo em questão. Segundo Gumperz (2002, p. 153), “o valor sinalizador depende do reconhecimento tácito desse significado por parte dos participantes” e, nesse caso, a pesquisadora não atingiu com clareza o significado no

processo interpretativo, por não compartilhar do mesmo léxico que seu interlocutor.

Essa situação, embora possua caráter formal, o ambiente da feira de ciências apresentava-se descontraído e em virtude da agitação do evento em si, D.R. falava em ritmo acelerado e não tão monitorado, assim como a pesquisadora, e as particularidades das variedades linguísticas de ambos em nada interferiram na comunicação.

Conclusões

A fala de uma determinada comunidade é uma forma identitária e, por isso, reflete a cultura de seus falantes. Para conhecer e interpretar uma variedade linguística, precisamos conviver diretamente com seus utentes e assim o procedemos para a concretização da pesquisa que subsidiou este trabalho.

Os eventos de fala constituíram nossas unidades de estudo e nos proporcionaram descrever e analisar a fala de um grupo de vianenses em momentos de interação cotidiana. Dos dois eventos apresentados, predominou, no primeiro, a fala informal, casual e permeada por gestos. O segundo, caracterizado como formal foi, todavia, marcado pela “fala espontânea”, de acordo com a conceituação de Labov (2008).

A partir desses eventos, pudemos vislumbrar uma série de peculiaridades desse modo de falar, com destaque para os usos de “pequeno”, “aziado”, “doidinho”, “canto”, entre outras palavras de uso frequente, que possuem uma significação convencionalizada pelos moradores vianenses em sua variedade linguística. Essas palavras assumem significados diferentes em outras variedades linguísticas e, somente a partir da análise do contexto, pudemos identificar seus significados, assim como o fizemos através da interpretação de seus usos nas interações que tomamos para estudo. Além das citadas, destacamos os usos de “transando” e “cuza”, formas reduzidas de “transitando” e “cozida”, respectivamente, e que tiveram seus significados analisados a partir do uso contextual.

Nesse sentido, podemos afirmar que a comunidade dos moradores de Viana possui um patrimônio linguístico que a particulariza, formado a partir de um conhecimento adquirido ao longo das experiências de vida de seus falantes e reflexo do conjunto de aspectos sociais e culturais que a formam. E, reafirmando o que diz Gumperz (2002), é esse conjunto de conhecimentos internalizados que determina a manutenção do

envolvimento conversacional e a utilização de estratégias persuasivas no processo interacional.

As características identificadas como sendo próprias do falar vianense manifestaram-se na interação por meio da fala e do comportamento social cotidiano desses falantes. Enfatizamos, contudo, que muitas dessas características também fazem parte do falar de outras comunidades, o que não descaracteriza o conjunto daquelas que constituem o falar do grupo em destaque, especialmente quando observamos o evento de fala que reúne falantes de comunidades distintas. Assim, com base neste estudo sincrônico, concluimos que a comunidade selecionada trata de uma “comunidade de fala”, em retomada ao conceito hymesiano (1972), pois todos esses moradores vianenses compartilham das mesmas regras sociais de uso da fala de seu grupo.

Diante do exposto, salientamos que é somente na interação que o conhecimento acumulado do falante, tanto no que diz respeito à variedade da língua que compartilha quanto à habilidade de usá-la, pode ser colocado em prática. Esses falantes estarão, assim, exercitando a sua “competência comunicativa” e manifestando a variação linguística nas mais diferentes situações de comunicação.

Enfim, a fala da comunidade pesquisada é determinada de acordo com a situação social à qual está diretamente ligada e revela os valores e os propósitos comunicativos dos falantes que só podem ser interpretados, com efeito, na interação.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: subsídios para propostas alternativas de ensino de língua materna. In: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. (Org.). **Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: escola e comunidade**. Teresina (PI): EDUFPI, 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GRACEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUMPERZ, Jonh J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca

Telles; GRACEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____; HYMES, Dell. **Directions in sociolinguistics**: the Ethnography of Communication. New York: Copyright, 1972.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, Jonh J.; HYMES, Dell. **Directions in sociolinguistics**: the Ethnography of Communication. New York: Copyright, 1972.

_____. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, S. (Orgs.). **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972a.

_____. **Foundations in sociolinguistics**: ethnographic approach. New Jersey: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication**: an introduction. Basil Blackwell Publisher Limited 108 Cowley Road, Oxford OX41JF, 1982.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.

Aceito em: 13 de jul. de 2017.